

Uma inserção no universo espetacular de Dyrson Cattani

Diego Cavedon Dias¹

Renata Fratton Noronha²

Resumo

Neste artigo, buscamos lembrar a trajetória de Dyrson Cattani, criador de moda, figurinista e carnavalesco porto alegreense. Pesquisando diretamente no acervo Cattani que encontra-se sob os cuidados da Prefeitura de Porto Alegre em fase de estudo e organização, é possível refletir sobre como as linguagens da moda, do figurino e do carnaval integram-se em seu trabalho.

Palavras-chave: Cattani, Carnaval, Porto Alegre.

¹ Estudante de graduação do Curso de Bacharel em Design no Centro Universitário Ritter dos Reis em Porto Alegre- RS

² Especialista em Cultura de Moda pela Universidade Anhembí Morumbi e em Mode et Création pela Université de la Mode- Lumière Lyon 2. Professora nos cursos de Design de Moda da Uniritter e Faculdade de Tecnologia Senac de Porto Alegre.

Abstract

In this article we search to recover the course of Dyrson Cattani, porto alegreense fashion designer, theater's costume designer and also producer of Samba School on the carnival parade. Looking for information directly in Cattani's patrimony, which is under care of Porto Alegre's government but under study and organization phase. It`s possible reflect about how the fashion language, costume and carnival are linked with his work.

Keywords: Cattani, Carnival, Porto Alegre

Introdução

“Um artista nasce, um figurinista aprende”: assim rascunha Dyrson Cattani, com letra redonda e apressada, numa breve reflexão sobre moda, mulheres, elegância, o seu estilo. A trajetória dedicada a moda, ao figurino e especialmente ao Carnaval gerou uma série de rascunhos, rabiscos, fotografias, muitos desenhos e uma coleção de roupas e acessórios compõem o acervo Cattani, importante registro sobre a moda de Porto Alegre à partir da década de 1950.

Seus desenhos de traços marcantes reforçam um estilo irreverente e excêntrico: “(...)chega de simplicidade! A pessoa muito discreta fica medíocre para mim”.

Considerando as reflexões de Diana Crane que encara o vestir- e a moda-como: “sendo uma das formas mais visíveis de consumo que desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade.(...) útil portanto para manter ou subverter fronteiras simbólicas.(2006:21), neste artigo, lembraremos a trajetória de Cattani, relatando como integrou em suas criações moda e fantasia, fantasia e moda. Para tanto, as informações aqui apresentadas são fruto de uma pesquisa realizada diretamente no acervo que encontra-se hoje em fase de catalogação e estudos e está sob os cuidados da prefeitura de Porto Alegre.

O “acervo Cattani” é composto por esboços, croquis e desenhos, figurinos de teatro, figurinos de carnaval, roupas e acessórios, fotografias, revistas, pertences pessoais, documentos e correspondências que apresentam detalhadamente toda a trajetória do figurinista.

Dyrson...Cattani, Catani

É na Porto Alegre dos anos dourados que o jovem Cattani, filho de imigrantes sicilianos, dá seus primeiros passos, publicando ilustrações em revistas e jornais locais. Os cadernos de estudos ainda conservados mostram a intenção de um traço delicado e preciso em dar formas a criações bastante baseadas na moda parisiense, remetendo as formas no *new look* de Christian Dior³

A moda feita em Porto Alegre nesta época era muito influenciada pelas novidades de Paris que, até chegarem ao Sul do Brasil, passavam pelo Rio de Janeiro ou pela capital argentina, modificando-se e adaptando-se.

Entre os nomes locais, fazia sucesso estilo elegante de Mary Setigleder. Chapeleira talentosa, Mary dedica-se a costura sob-medida quando os chapéus começam a cair em desuso, revelando-se como grande costureira, sempre buscando referências na moda francesa e atenta às novidades da Casa Canadá, tendo sido grande amiga de Menna Fiala. Também nesta época, Rui Spohr, recém chegado de Paris onde trabalhou com Jacques Fath e o chapeleiro Jean Barthe abre seu atelier.⁴

Mas será através da criação de figurinos e cenários para espetáculos de teatro que o estilo de Dyrson Cattani vai ganhando novas formas e cores. O gosto luxuoso e fantasioso o levará ainda a vestir as damas da sociedade em bailes temáticos.

Seus desenhos ganham as páginas da Revista do Globo, importante periódico editado quinzenalmente pela Livraria O Globo, entre os anos de 1929 e 1967, que discutia variedades regionais, nacionais e internacionais divididas em seções como “O Globo em revista”, “Vidas literária”, “Belas Artes” e “Vida social”, nos fornecendo uma ilustração apurada da cultura e da sociedade gaúcha, e especialmente porto alegre, no período de sua circulação.

³ Ver VEILLON, Dominique. Moda e Guerra, um retrato da França ocupada. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2004 p.234.

⁴ Ver “30 anos de Moda”, catálogo de exposição. Porto Alegre, 1994.

Nos anos de 1960, Cattani muda-se para o Rio de Janeiro e deixa sua marca nas fantasias nos concorridos concursos do hotel Copacabana Palace. A Revista Jóia de dezembro de 1961, o chama de " O Mago das Gemas" ao convidá-lo para desenhar roupas exclusivas para o desfile de jóias de Haroldo Burle Marx.

Ainda no Rio, começa a criar para si figurinos de época, complementados sempre por jóias falsas, transformando-se em personagem: figura um tanto excêntrica que marcava presença em grandes eventos.

De volta a Porto Alegre no final da década, instala-se em uma espécie de apartamento atelier, espaço onde vive e recebe amigos e clientes. A correspondência cuidadosamente catalogada, mostra o contato intenso com os amigos que ficam no Rio de Janeiro e também registram inúmeras viagens a Paris- que se torna uma espécie de cidade fetiche para o criador e aparecerá representada em desenhos e figurinos carregados de uma aura *Belle Époque*.

Seu gosto andrógino o leva a lançar na década de 1970 a idéia irreverente da *mini-saia para homens* e, na mesma época, nasce a idéia das *mulheres de bigode*- retratadas numa série de desenhos que são exibidos no programa de TV "Fantástico", da Rede Globo.

A partir dos anos de 1990, Cattani passa a dedicar-se a exposição de seus desenhos, explorando geralmente temáticas históricas e a moda-como se criasse personagens para um grande espetáculo ainda a ser apresentado- e ao que chamava de "desfiles de época": espetáculos de moda onde apresentava suas criações e releituras de momentos marcantes da história da moda ou ainda temáticas relacionadas ao cinema hollywoodiano.

Após a morte de Dirson Cattani no ano de 2006, seu acervo foi doado à cidade de Porto Alegre e, a partir de 2010, as peças vem sendo estudadas e catalogadas.

É curioso observar que, assim como modificam-se as cores e os traços que ilustram um estilo marcante, Cattani também vai modificando o próprio nome: nasce Dyrson, transforma o sobrenome da mãe Catani em seu nome artístico, porém ele acrescenta um segundo "T" ao sobrenome, passando a ser Dyrson Cattani. Mas é com seu nome de batismo, Dyrson Catani Foti que prefere ser conhecido ao encerrar sua trajetória.



Figura 1

Imagem do estilista Dyrson Cattani em seu apartamento e ateliê

Fonte: Registro fotográfico realizado pelos autores em visitação ao acervo

Quando o Carnaval de Porto Alegre ganha assinatura de Cattani

Na década de 50 a cidade de Porto Alegre estava em franco avanço em busca da modernidade com crescimentos significativos, como nos transportes públicos, onde ônibus e automóveis passaram a ser o principal meio de transporte utilizado pelos cidadãos. Porém nesta época a cidade ainda não possuía infra estrutura para aguentar as evoluções que estava sofrendo, apresentando, assim sérios problemas em

abastecimento de água, tratamento de esgoto, energia e iluminação. Nesses anos a cidade apresentava por volta de 394 mil habitantes.

Durante esse período a classe média, burguesia, porto alegreense estava vivendo o seu grande momento, com seus “anos dourados”. A população desta classe participava de bailes de debutantes, com seus brotos aparecendo nas capas de revistas, matinés nos cinemas, entre outros eventos sociais. Os homens costumavam frequentar cabarés para beber e dançar ao som de jazz, fox e boleros. A grande cultura influenciadora desse período era a norte Americana, que estava com a economia em alta, principalmente após a II Guerra, que deixou a Europa com sérios problemas. (PESAVENTO, 1999)

Neste período, o Carnaval carioca- dos mas populares do país- já apresentava as características principais que possui atualmente: sambas enredo e grandes fantasias. Porém, o Rio Grande do Sul ainda não acompanhava tais padrões na festividade, pois a celebração não recebia apoio do poder público, tão pouco da imprensa que torcia o nariz para a festa (KRAWCZYK, GERMANO, POSSAMAI, 1992). Sendo assim, a data se popularizou através das estudantinas ⁵e dos blocos dos redutos populares.

⁵ As estudantinas carnavalescas eram locais onde grupos de pessoas se reuniam, utilizando vestimentas iguais ou com semelhanças, para cantar e tocar algo em comum, neste caso as marchinhas



Figuras 2 e 3

A esquerda, baile de Carnaval, organizado pela Casa do Artista do Rio Grande do Sul. A direita, imagens do carnaval de rua.

Fonte: Revista do Globo, ano XXIV, número 556 de 15 de março de 1952)

As comemorações que ocorriam em festas de salão normalmente eram destinadas a alta classe e a burguesia que não viajavam à cidade de Pelotas⁶, localizada no extremo sul do Estado. Nestas festas, normalmente, organizadas pela Casa do Artista do Rio Grande do Sul, os frequentadores aproveitavam o baile, porém sem planejamento e organização com relação a fantasias e decoração, o evento não ficava muito longe de uma festa padrão, somente com mais cores e alegria⁷.

Já o carnaval de rua de Porto Alegre, era organizado em pequenos grupos, dividido por regiões, onde a classe mais baixa festejava de forma descentralizada, sendo alguns dos principais locais para comemoração da festa as ruas Miguel Teixeira, Casemiro de Abreu, Avenida Borges de Medeiros, e da Azenha e a Praça Garibaldi. Esses foliões aproveitavam o momento para se libertar, colocando fantasias

⁶Carnaval de Pelotas apresentou seu auge durante os anos de 1920 a 1950, sendo o mais famoso nos no Rio Grande do Sul, muito devido a população, que já havia mais instrução, pois haviam estudado fora do Estado e buscavam para a festividades semelhanças com o que acontecia nos outros lugares.

⁷ Revista do Globo, número 556, de 15 de março de 1952.

imaginosas. Os blocos e cordões existiam, porém sem muito mais destaque e interesse do público.

A festividade nos anos de 1950 já apresentava características melancólicas. Os blocos, ranchos e cordões já não apresentavam a mesma força de outrora. Não existia mais as festas de estudantina ensaiadas, fantasias com um padrão. O carnaval não apresentava mais características interessantes para o seu público. Talvez o grande estímulo da data, para a população que vivenciava a comemoração fossem os lançamentos de perfume, que estavam sendo utilizados mais que nunca. Não havia distinção de classes na utilização destes entorpecentes, pois como afirmou um cidadão da época à Revista do Globo, número 556 de 15 de março de 1952 "A alegria espontânea já não existe e beber custa muito dinheiro".

Já nos anos 60 a cidade começa um processo de metropolização, onde as periferias, das principais vias da cidade começam a crescer em direção aos municípios próximos. O número de habitantes subiu para 885 mil no início dos anos 70. A cidade estava com uma série de grandes obras acontecendo, como o aterramento para a criação da avenida Beira Rio e o surgimento do Sport Clube do Internacional, assim como com relação a infra estrutura da cidade, pois estava começando um movimento de modernização. Nesse período os bondes já estão sofrendo um processo de sucateamento, para assim ser possível o aumento e asfaltamento das ruas.

Foi nessa época quando aconteceu uma série de grandes revoluções nos costumes da população. A televisão se torna popular, deixando, assim o rádio em segundo plano. A fisionomia da cidade estava mudando, pois onde antes haviam bares e cafés, agora existiam bancos, financeiras e lanchonetes. A noite da cidade gaúcha era dividida em dois, a boemia, para as classes mais baixas e os *night clubs*, para a parcela da sociedade que possuía maiores condições financeiras.

O carnaval seguia acontecendo como anteriormente neste período, porém a sua grande mudança ocorreu em 1961, quando a Academia de Samba Praiana apresentou o primeiro carnaval nos padrões do eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Giba-Giba, fundador da escolar, explicou esse acontecimento afirmando que “(...) quando chegava na época de carnaval a gente voltava para Pelotas (...). Até que teve um ano, 60, que a gente resolveu fazer uma escolinha de samba de 30 pessoas mais ou menos para desfilarem na rua(...). Em 60 ela só deu uma desfilada, mas não tinha tempo hábil para preparar o carnaval. Em 61 ela saiu e ganhou o primeiro lugar”.⁸

O tema escolhido pela Praiana foi “A Coroação de Dom Pedro” e Cattani foi o responsável pela criação das fantasias e alegorias. A escola aparece organizada em alas, representada pelo casal de mestre-sala e porta-banheiro, num espetáculo luxuoso até então inédito. O destaque do carnaval da cidade, e seu diferencial perante as outras passa a ser a presença da porta estandarte, provavelmente resquícios da folia do século XIX e início do XX.

A partir desta data, a assinatura de Cattani estará sempre associada a irreverência e a festividade do Carnaval. Sua coleção de máscaras e adereços ganha destaque no acervo Cattani e, especialmente as máscaras, passam a ser sua marca registrada e grande especialidade.

No Carnaval de 1987, é a vez de Cattani virar samba-enredo da Acadêmia de Samba Relâmpago. A letra reverencia o gosto luxuoso do figurinista, comparando seu estilo artístico- e talvez também a forma excêntrica que adotava no vestir- às figuras do francês Toulouse- Lautrec, que nos remetem à *Belle Époque* francesa e a vida boêmia da cidade de Paris:

⁸ Ver “Carnavais de Porto Alegre”, 1992

“Cattani é requinte, é arte
O Toulouse-Lautrec de cá
A boemia tem nele uma parte
No vestir e no trajar.”



Figura 4

Integrantes da Academia de Samba da Praiana, em 1961, primeiro carnaval na cidade ao estilo Rio de Janeiro

Fonte: Revista do Globo, ano XXXIII, número 789, 4 a 17 de março de 1961)



Figura 5

Imagem da modelo Rosângela utilizando uma máscara desenvolvida pelo estilista, cujo a inspiração é Jean Cocteau.

Fonte: Revista do Globo, ano XXXIII, 4 a 17 de fevereiro de 1961, p. 44 e 45

O espetáculo de Cattani

A preferência de Cattani pelas modas de outras épocas não é algo que fará parte apenas do seu estilo de vestir: as fotos que compõem o acervo mostram o mesmo gosto rebuscado na decoração de seu apartamento atelier e também aparece como tema das festas concorridas que organizava.

Além disso, é possível perceber que o espetáculo, a alegoria e a parada estão extremamente presentes na forma espetacular que Cattani escolhe para apresentar seus desfiles.

Para Duggan:

“Os desfiles de moda que caem na categoria de espetáculo relacionam-se intimamente com as artes da performance como teatro e ópera, além de filmes de longa-metragem e vídeos musicais. Assim como nas representações de palco, os desfiles criados por designer de espetáculo exibem muito mais do que roupas. Na maioria dos casos, interpretam-se como mini-dramas completos, com personagens, locações específicas, peças musicais relacionadas e temas reconhecíveis.” (2002:8)

Antes de designers como Alexander McQueen e John Galliano ganharem notoriedade nos anos de 1990 com seus desfiles fantásticos, que poderiam acontecer em locais inusitados, Cattani já apresentava em Porto Alegre o seu “teatro sem drama”.

Inspirado por temáticas históricas, que remetiam muitas vezes à Paris da *Belle Époque* ou ainda buscando referências em filmes hollywoodianos, suas apresentações transformavam-se em uma espécie de “performance histórica”, levando suas possíveis clientes a desejar imagens de sonho, como anota nos rascunhos de uma possível entrevista: “ a noite minha mulher se transforma em atriz de cinema, sob uma raposa (...), a minha moda é para a mulher que gosta de ser estrela, ser exibida.”

Para estas apresentações, Cattani, sempre perfeccionista, imaginava como deveria ser a performance de cada manequim, seus passos, trejeitos, especializando-os no que chamava de “desfile de época.”

Em 1977, excursiona pelo Estado com um destes desfiles de época, intitulado “Cattani mafioso”- curiosamente alguns anos após Francis Ford Coppola ter adaptado o romance de Mario Puzo, “ O Poderoso Chefão”, para o cinema.

Em uma espécie de programa, semelhante aos de ópera ou teatro, Cattani divide a performance em cinco tempos, considerando os momentos de intervalo e confraternização com o público: *Cattani a beira mar*, *Cattani mafioso*, *Cattani siciliano*, *Intervalo*, *bal masqué*, onde desfilaram de forma peculiar 5 manequins femininos e

outros cinco masculinos cujos nomes também ganham destaque, como se fossem atores ou dançarinos de um grande teatro.



Figura 6

Imagem do Estilista caracterizado como “Cattani Mafioso” para a apresentação de sua performance no Turis Hotel, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul

Fonte: Foto tirada pelos autores durante visitação ao acervo

Considera es finais

Autodidata, considerando tudo o que fez “ligado a est tica e a minha personalidade”, com grande poder criativo materializado em cria es suntuosas, apesar de considerar-se um *dictateur* da moda brasileira, fica evidente o traço marcante de Cattani como figurinista através do seu grande êxito em desenvolver

visões de sonhos através de suas fantasias e máscaras de Carnaval ou ainda na dramaticidade de seus desfiles históricos.

Seus registros mostram que suas atividades profissionais estiveram ligadas de forma mais densa às atividades relacionadas ao Carnaval: fantasias para as escolas de samba, trajes de bailes, máscaras. E foram nestas criações que Cattani celebrou todo o seu gosto irreverente- quase excêntrico- e luxuoso. As clientes que se vestiam sob medida- muitas delas mulheres do teatro e do espetáculo- não raramente lhe deixavam fotos com dedicatórias, cartas, bilhetes, agradecendo sempre ao “artista” Cattani, sendo esta, possivelmente, a forma que mais lhe agradava ser visto.

Seu amplo acervo- espécie de *museu da moda* particular- registra de forma completa- e por vezes até mesmo curiosa- sua trajetória que apresenta além da visão particular do universo de Cattani uma possibilidade de leitura de seu tempo, convidando a uma reflexão que faz pensar a moda de que maneira o vestir e a moda carregam em suas articulações valores de uma determinada cultura, permitindo a elaboração de noções de passado, futuro e pertencimento, ou seja, como forma de memória que terá importância na construção social de identidades.

Referências Bibliográficas

BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, SP. Ed. Papyrus, 2000

CRANE, Diana. *A Moda e seu papel social, classe gênero e identidade das roupas*. São Paulo. Ed. Senac São Paulo, 2006

DORNELLES, Beatriz. *Porto Alegre em destaque: história e cultura*. 2004, Porto Alegre, Ed. EDIPUCRS, 338p.

DUGGAN, Ginger Gregg. *O maior espetáculo da Terra: os desfiles de moda contemporâneos e sua relação com a arte performática. Fashion Theory: A Revista da Moda, Corpo e Cultura* (edição brasileira). Vol. 1, n. 2: 03-30, Jun. 2002. p. 31-70.

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2005, 424 p.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 1997.

KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita. *Carnavais de Porto Alegre*. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 1992

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer- Carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. São Paulo: Ed. Da Unicamp, 2001. 247 p. Ed. Ediouro, 2005, 424 p.

LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. *Clubes carnavalescos negros na Cidade*. Estudos Ibero-Americanos, Vol. 35, n.1, 2009

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Entre Limões de Cheiro e aconites: O Carnaval e a escravidão na imprensa ilustrada*. História, imagem e narrativas. Ano 3, n.7, setembro/ outubro 2008

MONTEIRO, Charles, *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*, 2006. Porto Alegre, Ed. Edipucrs. 550 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999

Revista do Globo, ano XXIV, número 556 de 15 de março de 1952

Revista do Globo, ano XXXIII, número 789, 4 a 17 de março de 1961